

Benedito Rodrigues da Silva Neto  
(Organizador)



# MEDICINA:

Atenção às rupturas e permanências  
de um discurso científico 3

 **Atena**  
Editora  
Ano 2022



Benedito Rodrigues da Silva Neto  
(Organizador)



# MEDICINA:

Atenção às rupturas e permanências  
de um discurso científico 3

 **Atena**  
Editora  
Ano 2022

**Editora chefe**

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Editora executiva**

Natalia Oliveira

**Assistente editorial**

Flávia Roberta Barão

**Bibliotecária**

Janaina Ramos

**Projeto gráfico**

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

**Imagens da capa**

iStock

**Edição de arte**

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

**Conselho Editorial****Ciências Biológicas e da Saúde**

Profª Drª Aline Silva da Fonte Santa Rosa de Oliveira – Hospital Federal de Bonsucesso

Profª Drª Ana Beatriz Duarte Vieira – Universidade de Brasília

Profª Drª Ana Paula Peron – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás



Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco  
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. José Aderval Aragão – Universidade Federal de Sergipe  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Maurilio Antonio Varavallo – Universidade Federal do Tocantins  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Sheyla Mara Silva de Oliveira – Universidade do Estado do Pará  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Suely Lopes de Azevedo – Universidade Federal Fluminense  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof<sup>o</sup> Dr<sup>a</sup> Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco



## Medicina: atenção às rupturas e permanências de um discurso científico 3

**Diagramação:** Camila Alves de Cremo  
**Correção:** Maiara Ferreira  
**Indexação:** Amanda Kelly da Costa Veiga  
**Revisão:** Os autores  
**Organizador:** Benedito Rodrigues da Silva Neto

### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M489 Medicina: atenção às rupturas e permanências de um discurso científico 3 / Organizador Benedito Rodrigues da Silva Neto. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0614-3

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.143220710>

1. Medicina. 2. Saúde. I. Silva Neto, Benedito Rodrigues da (Organizador). II. Título.

CDD 610

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

**Atena Editora**  
Ponta Grossa – Paraná – Brasil  
Telefone: +55 (42) 3323-5493  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



## DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



## APRESENTAÇÃO

Temos a satisfação de apresentar o terceiro e quarto volume da obra “Medicina: Atenção as rupturas e permanências de um discurso científico”. Estes volumes compreendem projetos desenvolvidos com acurácia científica, propondo responder às demandas da saúde que porventura ainda geram rupturas no sistema.

Pretendemos direcionar o nosso leitor de forma integrada à uma produção científica com conhecimento de causa do seu título proposto, o que a qualifica mais ainda diante do cenário atual. Consequentemente destacamos a importância de se aprofundar no conhecimento nas diversas técnicas de estudo do campo médico/científico que tragam retorno no bem estar físico, mental e social da população.

Reafirmamos aqui uma premissa de que os últimos anos tem intensificado a importância da valorização da pesquisa, dos estudos e do profissional da área da saúde. Deste modo, essas obras, compreendem uma comunicação de dados muito bem elaborados e descritos das diversas sub-áreas da saúde oferecendo uma teoria muito bem elaborada nas revisões literárias apresentadas, assim como descrevendo metodologias tradicionais e inovadoras no campo da pesquisa.

A disponibilização destes dados através de uma literatura, rigorosamente avaliada, evidencia a importância de uma comunicação sólida com dados relevantes na área médica, deste modo a obra alcança os mais diversos nichos das ciências médicas. A divulgação científica é fundamental para romper com as limitações nesse campo em nosso país, assim, mais uma vez parabenizamos a estrutura da Atena Editora por oferecer uma plataforma consolidada e confiável para estes pesquisadores divulguem seus resultados.

Desejo a todos uma ótima leitura!

Benedito Rodrigues da Silva Neto



## SUMÁRIO

### **CAPÍTULO 1..... 1**

#### **A DEPRESSÃO NA ÓTICA DE MÉDICOS QUE ATUAM EM UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE DE UM MUNICÍPIO NORTE DO RIO GRANDE DO SUL**


Simone Thais Vizini  
Telma da Silva Machado  
Adriana Maria Alexandre Henriques  
Paulo Renato Vieira Alves  
Denise Oliveira D'Avila  
Flávia Giendruczak da Silva  
Rosaura Soares Paczek  
Zenaide Paulo Silveira  
Maria Margarete Paulo  
Lisiane Madalena Treptow

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1432207101>

### **CAPÍTULO 2..... 10**

#### **A RELAÇÃO DE DERMATITE ATÓPICA E PSORÍASE COM CASOS GRAVES DE COVID-19**


José Cosme Neto  
Pietra Massariol Bottan  
Victória de Castro Loss  
Victória Spalenza Côgo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1432207102>

### **CAPÍTULO 3..... 20**

#### **A SÍNDROME INFLAMATÓRIA MULTISSISTÊMICA PEDIÁTRICA (SIM-P), SUA MORBIMORTALIDADE NO BRASIL E SUA RELAÇÃO COM A COVID19: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA**

Lara da Costa Gomes  
Francisco Lucio Tomás Arcanjo Filho  
Karine Moraes Aragão  
Lara Parente Ribeiro  
Louize Cristinne Couras Sayão  
Maria Eduarda Bitu Vieira  
Milena Bezerra Queiroz  
Rochelle Andrade Feitosa do Nascimento  
José Jackson do Nascimento Costa


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1432207103>

### **CAPÍTULO 4..... 24**

#### **AS DIFERENTES FACES CLÍNICAS DA AMILOIDOSE: UM RELATO DE CASO**

Mariana Gomes Kale Martins  
Paula Fernanda Barbosa Machado  
Bruna Bessigo de Sá  
Julia Segal Grinbaum


Aline Saraiva da Silva Correia  
Tathiana Fernandes Mattos Bahia Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1432207104>

**CAPÍTULO 5..... 39**

**AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DE ALUNOS DE MEDICINA A RESPEITO DA DOAÇÃO DE ÓRGÃOS**


Bruna de Almeida Stacechen  
Paola Marin Gruska  
Aline Rosa Marosti

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1432207105>

**CAPÍTULO 6..... 51**

**COMPETÊNCIA MÉDICA: A FORMAÇÃO TÉCNICA E ÉTICA DO ESTUDANTE DE MEDICINA**

Vitor Nunes Molinos  
Cássia Regina Rodrigues Nunes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1432207106>

**CAPÍTULO 7..... 64**

**DECISÕES JUDICIAIS COLEGIADAS NO ÂMBITO DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA: ANÁLISE À LUZ DA MEDICINA BASEADA EM EVIDÊNCIAS**

Daniel Antunes Campos de Sousa  
Ana Paula de Araújo Machado  
Luiz Carlos de Abreu  
Italla Maria Pinheiro Bezerra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1432207107>

**CAPÍTULO 8..... 76**

**DIAGNÓSTICO DIFERENCIAL NA AFASIA PROGRESSIVA PRIMÁRIA**

Ewerton Amaro Corrêa  
Farah Kamilly

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1432207108>

**CAPÍTULO 9..... 82**

**DIFICULDADE DE DIAGNÓSTICO DA ENDOMETRIOSE NA ADOLESCÊNCIA E SUAS REPERCUSSÕES SOCIAIS**

Gabrielly Gomes de Oliveira  
Priscila Maria de Oliveira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1432207109>

**CAPÍTULO 10..... 84**

**DOENÇAS OSTEOMIOARTICULARES RELACIONADAS AO TRABALHO (DORT) EM MÉDICOS: UM OLHAR ERGONÔMICO DO TRABALHO**

Bruno Borges do Carmo  
D'Angelo Guimarães de Oliveira


Eloá Perciano Madeira da Silva  
Fabiola Colli Sessa  
Jonathas da Silva Trindade  
Maria Gabriela da Silva Azevedo  
Monique Bessa de Oliveira Prucoli  
Thaiane Moreira Leite Tinoco  
Shabrynna Machado Jordes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14322071010>

**CAPÍTULO 11..... 95**

**EFEITO DO EXTRATO AQUOSO DE FOLHAS DE *KALANCHOE PINNATA* NA CICATRIZAÇÃO DE FERIDAS CUTÂNEAS EM RATOS Wistar**

Vogério da Silva Deolindo  
Rychelle Maria Silva Gomes  
Paulo Afonso Lages Gonçalves Filho  
Fabiana Uchôa Barros  
Maria do Carmo de Carvalho e Martins  
Mariana Marques Magalhães  
Sheilane de Oliveira Moura  
Natálio Alves de Barros Netto  
Mateus Onofre Araújo Rodrigues  
Vanessa Veloso Cantanhede Melo  
Paulo Hudson Ferreira da Cunha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14322071011>

**CAPÍTULO 12..... 109**

**EFICACIA Y ADHERENCIA A LA HIDROXIUREA EN NIÑOS Y ADOLESCENTES CON ANEMIA DE CÉLULAS FALCIFORMES**


Jeyni Claribel Vega Pérez  
Rosa Nieves Paulino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14322071012>

**CAPÍTULO 13..... 114**

**ESTUDO DA VASCULARIZAÇÃO RENAL E SUAS VARIAÇÕES ANATÔMICAS: UMA REVISÃO DE LITERATURA**

Eduarda Rhoden Barp  
Lilian Tais Cavallin

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14322071013>

**CAPÍTULO 14..... 131**

**FALÊNCIA HEPÁTICA AGUDA ASSOCIADA A VÍRUS HEPATOTRÓPICOS E NÃO HEPATOTRÓPICOS: UMA REVISÃO**

Damião Carlos Moraes dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14322071014>

**CAPÍTULO 15..... 137**

**HANSENÍASE: O ACERVO COMPLICADO**

Bruna Bessigo de Sá


Julia Segal Grinbaum

Mariana Gomes Kale Martins

Paula Fernanda Barbosa Machado

Hedi Marinho de Melo Guedes de Oliveira

Tathiana Fernandes Mattos Bahia Alves

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14322071015>

**CAPÍTULO 16..... 166**

**JÚRI SIMULADO COMO ESTRATÉGIA DE ENSINO NO CURSO DE MEDICINA: RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Maria das Graças Monte Mello Taveira


Priscila Nunes de Vasconcelos

Divanise Suruagy Correia

Suely do Nascimento Silva

Angelina Nunes de Vasconcelos

Ricardo Fontes Macedo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.14322071016>

**SOBRE O ORGANIZADOR..... 174**

**ÍNDICE REMISSIVO..... 175**

## AVALIAÇÃO DO CONHECIMENTO DE ALUNOS DE MEDICINA A RESPEITO DA DOAÇÃO DE ÓRGÃOS

Data de aceite: 03/10/2022

### **Bruna de Almeida Stacechen**

Acadêmica do Curso de Medicina, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar - UNICESUMAR  
<http://lattes.cnpq.br/9917598551151776>

### **Paola Marin Gruska**

Acadêmica do Curso de Medicina, Campus Maringá/PR, Universidade Cesumar – UNICESUMAR  
<http://lattes.cnpq.br/6205626196943850>

### **Aline Rosa Marosti**

Orientadora e docente do curso de Medicina, Campus Maringá-Pr, Universidade Cesumar - UNICESUMAR  
<http://lattes.cnpq.br/1557251495010214>

**RESUMO:** O objetivo desta pesquisa avaliação do conhecimento de alunos de medicina a respeito da doação de órgãos foi verificar como está o conhecimento dos acadêmicos de medicina sobre o processo de doação de órgãos e morte encefálica, que são temas de grande importância na prática médica. A doação de órgãos e tecidos é um ato de empatia, com múltiplos benefícios, não somente ao receptor, mas também a sua família e ao Sistema Único de Saúde, ao promover a reintegração de um membro à sociedade. Além disso, a presente pesquisa visa compreender os motivos pelos quais indivíduos são a favor ou contra a doação de órgãos e suas concepções de morte encefálica. A coleta de dados foi por meio de um questionário base aplicado pelos

pesquisadores para obtenção das informações prévias e posteriores às explicações. E esperava-se que a compreensão sobre a doação de órgãos e morte encefálica aumenta conforme a evolução no curso de Medicina. A pesquisa foi realizada por meio do *Google Forms*, sendo todos os participantes voluntários e sem identificação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Doação de órgãos; morte encefálica; educação em saúde.

**ABSTRACT:** The objective of this research was to evaluate the knowledge of medical students about organ donation to verify the knowledge of medical students about the process of organ donation and brain death, which are topics of great importance in medical practice. Organ and tissue donation is an act of empathy, with multiple benefits, not only for the recipient, but also for their family and the Unified Health System, by promoting the reintegration of a member into society. In addition, this research aims to understand the reasons why individuals are in favor or against organ donation and their conceptions of brain death. Data collection was through a basic questionnaire applied by the researchers to obtain information before and after the explanations. And it was expected that the understanding of organ donation and brain death will increase as the medical course progresses. The survey was conducted using Google Forms, with all participants being volunteers and without identification.

**KEYWORDS:** Organ donation; brain death; health education.

## 1 | INTRODUÇÃO

A doação de órgãos consiste no ato de manifestar vontade de doar tecidos e parte do corpo, com o objetivo de ajudar outras pessoas, promovendo reabilitação física e social dos pacientes, reintegrando-os à família, trabalho e sociedade, com melhor qualidade de vida. Além de contribuir com a vida dos pacientes receptores, a doação de órgãos leva à redução de custos para o Sistema Único de Saúde (SUS), pois em alguns casos, como por exemplo, em pacientes que necessitam de hemodiálise, que tem alto custo ao Governo, o transplante renal levaria a uma economia de recursos (SILVA, 2016).

De acordo com Traiber (2006), 52 a 80% da população aceita a doação e o transplante de órgãos, mas a informação é adquirida, na maioria das vezes, pela grande mídia (televisão), onde o assunto é abordado de maneira superficial, não tendo o impacto desejado.

Além disso, mesmo com um percentual favorável de aceitação, existe uma grande diferença entre o número de pessoas cadastradas na lista de transplante e o número real de doadores. De acordo com Ministério da Saúde, em 2018, no Paraná foram reconhecidos como potenciais doadores 1227 pacientes, dos quais apenas 540 se tornaram doadores efetivos, visto que a maneira com a qual os familiares lidam com o luto, suas crenças e ideais pré-existentes não aponta a favor do ato de doar órgãos.

Segundo Moraes (2012), os principais motivos para a não aceitação da doação e transplante de órgãos envolvem crenças religiosas, falta de compreensão do diagnóstico de morte encefálica, não aceitação da manipulação do corpo, medo da reação familiar e medo da perda do ente querido. Sendo que a baixa escolaridade, a desinformação e o estado emocional estão fortemente relacionados com a interpretação errônea dos fatos, prejudicando a doação de órgãos e tecidos. Diante disso, o objetivo desta pesquisa é a conscientização sobre o conceito de morte encefálica e a importância da doação de órgãos e tecidos.

Algumas doações podem ser realizadas em vida, tais como a de medula óssea ou de rim, desde que não causem prejuízo a saúde do doador. Porém, certos transplantes são possíveis apenas após o falecimento, pois envolvem órgãos vitais. Nesses casos, os doadores são pacientes com morte encefálica (ME), podendo ser vítimas de catástrofes cerebrais, como acidente vascular encefálico (AVE) ou traumatismo cranioencefálico.

Os transplantes só foram possíveis pela mudança bioética a respeito da morte, saindo de um pensamento onde a morte é a parada da consciência, respiração, batimentos cardíacos, circulação e falência de outros órgãos, indo para o conceito de ME. O transplante de órgãos é reconhecido legalmente, onde, mesmo que o indivíduo esteja cadastrado no programa de transplante de órgãos, é necessário o aval dos familiares para tal.

Para realizar o atestado de morte encefálica é executado o protocolo de morte encefálica, de acordo com a Resolução do Conselho Federal de Medicina (CFM) nº

2.173/17, por médico neurologista, neurocirurgiões, intensivistas ou emergencistas para avaliar os reflexos involuntários através de exames clínicos e complementares.

Para que haja um aumento de doações de órgãos é necessário desmistificar e fornecer as informações sobre o conceito de morte encefálica, seu processo e importância.

Segundo a Manual de Transplantes, 2014, os pré-requisitos para a detecção de possíveis doadores de órgão e tecidos envolvem lesão cerebral grave; coma aperceptivo com escore grau 3 na escala de Glasgow; ventilação mecânica; suspeita de ME. Com estes pré-requisitos a Comissão Intra-Hospitalar de Doação de Órgãos e Tecidos (CIHDOTT) informa a Central Estadual de Transplantes do Paraná (CET-PR), sobre a existência de um possível doador. Em casos que o hospital não apresenta CIHDOTT ou não está ativa a notificação é feita pela Unidade de Terapia Intensiva (UTI). A documentação obrigatória para notificação de potenciais doadores nos casos de morte encefálica são o Formulário de Notificação de Potencial Doador em Morte Encefálica e História Médica/Social e Exame Físico do Potencial Doador de Órgãos e Tecidos.

Além destes casos existe também a busca ativa para um potencial doador de órgãos através de visitas constantes às UTIs e/ou Pronto-atendimentos (PAs), por um membro ativo das Comissões Intra-hospitalares de Doação de Órgãos e Tecidos para Transplante ou das Comissões de Procura de Órgãos e Tecidos para Transplantes (COPOTTs).

Dessa forma o presente trabalho tem como objetivo compreender o percentual de indivíduos a favor e contra a doação de órgãos dentre os acadêmicos de medicina, a compreensão a respeito do conceito de morte encefálica e como é feito o protocolo. Espera-se que a adesão e o grau de conhecimento sobre o assunto aumentem proporcionalmente a medida em que os graduandos de medicina avançam para o término do curso.

## 2 | OBJETIVOS

O objetivo desse estudo foi analisar o conhecimento da população acadêmica de medicina sobre doação de órgãos e conscientizá-los sobre a importância do processo para pacientes que estão na fila de transplante.

Os objetivos específicos são:

- Levantar dados sobre o conhecimento a respeito da doação de órgãos.
- Entender os motivos da não aceitação da população para ser um doador de órgãos e a relação dessa opinião com o conhecimento do conceito de morte encefálica;
- Esclarecer como é feita a doação de órgãos.
- Verificar se depois dos esclarecimentos, a população fica mais receptiva ao processo de doação de órgãos.

### 3 | MATERIAL E MÉTODOS

Em um estudo analítico, com alunos de medicina do primeiro ao sexto ano da Universidade Cesumar de Maringá (UNICESUMAR) e outras, foi realizado um questionário delimitado para avaliar o nível de conhecimento e a opinião sobre doação de órgãos e tecidos. Para tanto, o questionário foi submetido ao comitê de ética em pesquisa em humanos (CEP) da instituição e foi aprovado conforme protocolo sob número 44709021.7.0000.55.39.

Utilizou-se o ANOVA para verificar a veracidade de um questionamento específico, nos demais foi realizado tabelas de frequência simples e gráficos comparativos. O questionário foi aplicado através do *Google Forms*, disponibilizado pelo link [https://docs.google.com/forms/d/1OwkjUhyRMoylXs2KAJ8zoBCayLOmsUaPSm\\_yuVH7ir4/closedform](https://docs.google.com/forms/d/1OwkjUhyRMoylXs2KAJ8zoBCayLOmsUaPSm_yuVH7ir4/closedform), e divulgado por meio de e-mail institucional. No total, 209 alunos de medicina, participaram voluntariamente. Os dados obtidos pelo formulário foram comparados entre si. A aplicação e análise do questionário se deu por 3 fases: a primeira foi a aplicação de questionário para entender quais são os conhecimentos prévios do indivíduo acerca da doação de órgãos, quais seriam seus motivos para não aceitar ou aceitar a doação e outras informações. Nesse questionário foi levado em consideração: sexo, idade, religião e período do curso de medicina. A segunda etapa envolveu a avaliação das respostas do questionário. A terceira etapa foi analisar os dados, comparando as respostas e relacionando-as com o conhecimento e período em que o discente se encontra na faculdade de medicina.

### 4 | RESULTADOS

Foram avaliados 209 estudantes no total, sendo 82,8% do sexo feminino e 17,2% do sexo masculino. Dentre os participantes 22% são da faixa etária de 17 a 19 anos, 63,15% estão na faixa etária de 20 a 25 anos e 14,85% com 26 anos ou mais. A distribuição nos anos da faculdade foi de 50 alunos no primeiro ano, 22 alunos no segundo ano, 63 alunos no terceiro ano, 59 alunos no quarto ano, 11 alunos no quinto ano e 4 alunos no sexto ano (Gráfico 1). Destes graduandos de medicina 126 são católicos, 16 espíritas, 9 evangélicos, 29 são de outras religiões e 29 não possuem religião específica (Tabela 1).



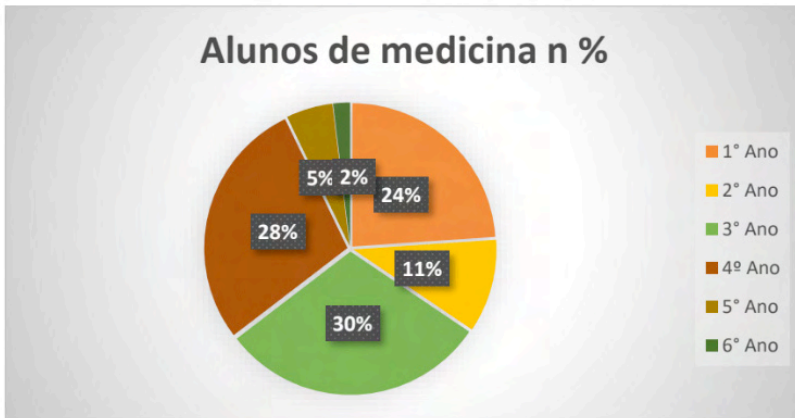


Gráfico 1. Alunos de medicina e ano letivo.

Fonte: Dados da pesquisa.

Variável	Alunos de medicina n %
<b>Sexo</b>	
Masculino	36 (17,2%)
Feminino	173 (82,8%)
<b>Faixa etária</b>	
17 a 19 anos	46 (22%)
20 a 25 anos	132 (63,15%)
26 anos ou mais	31 (14,85%)
<b>Religião</b>	
Católicos	126 (60,28%)
Espiritas	16 (7,65%)
Evangélicos	9 (4,3%)
Outras religiões	29 (13,8%)
Não possuem	29 (13,8%)
<b>Ano da faculdade</b>	
1º ano	50 (23,9%)
2º ano	22 (10,5%)
3º ano	63 (30,14%)
4º ano	59 (28,22%)
5º ano	11 (5,26%)
6º ano	4 (1,91%)
<b>Total n %</b>	<b>209</b>

Tabela 1. Características demográficas dos estudantes avaliados

Fonte: Dados da pesquisa.

Foi questionado sobre a opinião dos graduandos acerca da doação de órgãos, 96,17% dos entrevistados são a favor da doação de órgãos, 2,87% não possuem opinião formada e 0,95% não são a favor. Destes 201 alunos favoráveis a doação de órgãos, 157 já informou algum familiar e 44 não informaram (Tabela 2).

<b>Variável</b>	<b>Alunos de medicina n %</b>
Você é a favor da doação de órgãos?	
Sim	201 (96,17%)
Não	2 (0,95%)
Não tenho opinião formada	6 (2,87%)
Se você marcou sim na questão acima, já informou sua família?	
Sim	157 (78,1%)
Não	44 (21,9%)
<b>Total</b>	<b>209</b>

Tabela 2. Opinião dos Estudantes sobre a doação de órgãos

Fonte: Dados da pesquisa.

Dentre os pesquisados, 49,8% já assistiram alguma aula ou curso sobre transplantes de órgãos e 50,2% não assistiram. Entre os 104 alunos que já tiveram contato com este tema, 20,1% classificam as informações como ótimas, 30,1% como boas, 40,7% como regulares, 1,9% como ruins e 7,2% como péssimas. Ao avaliarem o autoconhecimento sobre doação de órgãos apenas 1,9% consideraram como ótimo, sendo 15,8% bom, 49,3% regular, 28,7% ruim e 4,3% péssimo.

Dos entrevistados, 145 acreditam que para se realizar doação de órgãos é necessário o consentimento familiar e 64 não acreditam. Quarenta e sete estudantes acreditam que será feita a doação de órgãos mesmo com a rejeição da família e 162 afirmam que a doação de órgãos não é realizada caso a família não aceite.

Sobre a doação de órgãos e tecidos em vivos 93,3% acreditam que pode ser feita e 6,7% acreditam que a doação não pode ser realizada em vida. Dentre os potenciais doadores de órgãos, 20 pessoas afirmam que qualquer pessoa pode se tornar doador e 189 discordam desta afirmação. Dentre estes, 100% concordam que existe doenças que impossibilitam a doação, sendo estas: malária com 32,5%, diabetes 20,6%, hipertensão 10,5%, hepatite B e C 59,8%, asma 6%, câncer 64,1% e HIV 94,7%.

Apenas 24,4% dos entrevistados sabem como é feito o diagnóstico para um possível doador e 75,6% não sabem como é feito o diagnóstico. Cinco pessoas acreditam que é preciso a pessoa estar morta para ser doador e 204 discordam desta afirmação. Sobre o risco do transplante intervivos 51,2% afirmam que sabem os riscos e 48,8% desconhecem. Contudo, 91,9% sabem que existe um órgão responsável pela doação de órgãos no Paraná.

Cerca de 96% sabe que não é possível comercializar órgãos legalmente. Também, 73,2% acreditam que é possível aceitar a doação e os órgãos não serem utilizados, e apenas 26,8% acreditam que todo órgão será utilizado. Sobre a distribuição dos órgãos 65,6% não sabem como funciona e 34,4% sabem. Todos os participantes conhecem que existe uma lista de receptores de doação de órgão. Sendo que está lista funciona por ordem, 92,3% de gravidade da doença, 6,7% idade e 1% status econômico do receptor.

<b>Variável n %</b>	<b>Alunos de medicina n %</b>
Você já assistiu aula/ curso sobre transplante de órgãos?	
Sim	104 (49,8%)
Não	105 (50,2%)
Se sim, como classifica as informações passadas?	
Ótimas	42 (20,1%)
Boas	63 (30,1%)
Regulares	85 (40,7%)
Ruins	4 (1,9%)
Péssimas	15 (7,2%)
Como você avalia seu conhecimento sobre transplante de órgãos?	
Ótimas	4 (1,9%)
Boas	33 (15,8%)
Regulares	103 (49,7%)
Ruins	60 (28,7%)
Péssimas	9 (4,3%)
Você acredita que para a doação de órgãos é necessário consentimento familiar?	
Sim	145 (69,4%)
Não	64 (30,6%)
Caso a família não aceita, é realizada a doação?	
Sim	47 (22,5%)
Não	162 (77,5%)
A doação pode ser feita em vida?	
Sim	195 (93,3%)
Não	14 (6,7%)
Toda pessoa pode ser doador de órgãos?	
Sim	20 (9,6%)
Não	189 (90,4%)
Existem doenças que impossibilitam a doação?	
Sim	209 (100%)
Não	0
Destas doenças marque a que você acredita que impossibilita a doação de órgãos	
Malária	68 (32,5%)
Diabetes	43(20,6%)
Hipertensão	22 (10,5%)
Hepatite B e C	180 (86,1%)
Doença de chagas	125 (59,8%)
Asma	13 (6,2%)
Câncer	134 (64,1%)
HIV	198 (94,7%)
Você sabe como é feito o diagnóstico para ser um possível doador?	
Sim	51 (24,4%)
Não	158 (75,6%)
Você acha que uma pessoa precisa estar morta para ser doadora de órgãos?	
Sim	5 (2,4%)
Não	204 (97,6%)
Você sabe os riscos que existem na doação de órgãos para transplantes intervivos?	
Sim	107 (51,2%)
Não	102 (48,8%)
Você sabe quem é o responsável pela doação de órgãos no Paraná?	
Sim	76 (36,4%)
Não	133 (63,6%)
Existe um órgão responsável pela doação de órgãos no Paraná?	
Sim	192 (91,9%)
Não	17 (8,1%)
É possível comercializar um órgão legalmente?	
Sim	8 (3,8%)
Não	201 (96,2%)

É possível aceitar a doação e os órgãos não serem utilizados?	
Sim	153 (73,2%)
Não	56 (26,8%)
Você sabe como é feita a distribuição desses órgãos?	
Sim	72 (34,4%)
Não	137 (65,6%)
Existe uma lista de receptores desses órgãos?	
Sim	209 (100%)
Não	0
Se sim, essa lista funciona por ordem de:	
Idade	14 (6,7%)
Gravidade da doença	193 (92,3%)
Status econômico do receptor	2 (1%)

Tabela 3. Avaliação do Conhecimento sobre doação de órgãos

Fonte: Dados da pesquisa.

Sobre a morte encefálica 158 alunos sabem como é realizado o diagnóstico e 51 desconhecem este diagnóstico. Ainda 82,3% sabem a diferença entre coma e morte encefálica, e 17,7% não sabem diferenciar. Dentre os estudantes 67,5% confiam no diagnóstico de morte encefálica, 32,1% confiam parcialmente e 0,5% não confiam. Sendo que apenas 36,4% sabem quem é responsável pela doação de órgãos.

Faculdade	Novos alunos
Você sabe a diferença entre coma e morte encefálica?	
Sim	172 (82,3%)
Não	37 (17,7%)
Você sabe quem faz o diagnóstico de morte encefálica?	
Sim	158 (75,6%)
Não	51 (24,4%)
Você confia no diagnóstico de morte encefálica?	
Sim	141 (67,5%)
Não confio	1 (0,5%)
Confio parcialmente	67 (32,1%)
<b>Total</b>	<b>209</b>

Tabela 4. Avaliação do Conhecimento sobre Morte Encefálica

Fontes: Dados da pesquisa.

## 5 | DISCUSSÃO

O questionário aplicado era misto, contendo tanto questões discursivas quanto objetivas e obteve boa taxa de resposta. Por ter sido feito via *Google forms*, a adesão foi adequada ao que se era esperado, além de permitir maior compartilhamento e abranger mais estudantes caso a entrevista fosse pessoalmente. O fato de ser online também permitiu a computação dos dados com maior agilidade.

Não é novidade a polêmica no que se refere o transplante de órgãos. Por isso, o assunto deve ser tratado com responsabilidade, principalmente dentre os estudantes de

medicina, que detém maior conhecimento sobre o assunto e são potenciais propagadores deste (NETO et. al; 2012). Desta forma, apesar do conhecimento esperado entre os estudantes da área da saúde, muitos dos mitos envolvidos no que se diz respeito à doação de órgãos os assombram também, assim como é visto na população geral, onde não há familiarização com aspectos médicos e legais da morte encefálica (DUBOIS e ANDERSON; 2006).

Ainda sobre a morte encefálica, foi notado que, dentre os 209 entrevistados, pouco mais de 50% confia totalmente no diagnóstico, o que confirma a necessidade de maior contato dos alunos com o protocolo de morte encefálica, suas normas e legislações. Assim, a pesquisa objeto de assunto deste tema vem conformidade com GALVÃO et al, 2007, visando maior conhecimento e atuação profissional coerente.

Dos estudantes entrevistados, 50,2% já assistiram alguma aula ou curso sobre transplante de órgãos e 100% acreditam ter uma lista de receptores de órgãos para transplante. Ao aplicar o ANOVA nesta pergunta, afim de verificar se as diferenças amostrais são reais ou casuais, obteve-se como resultado 0,4083, indicando que a resposta é verdadeira, desta forma existe uma diferença real entre os grupos selecionados.

Em contraponto, 65.6% não sabem como é feita a distribuição desses órgãos e 8.1% acreditam não ter um responsável pela doação de órgãos no Paraná. Do 1º ao 4º ano houveram 6 pessoas que relataram não ter opinião formada sobre doação de órgãos. Além disso, apenas 2 pessoas das 209 entrevistadas não são a favor da doação de órgãos, mostrando que, apesar de haver a falta de informação sobre o assunto, muitos reconhecem sua importância e concordam com o transplante, o que vai de acordo com o que já foi demonstrado por outros pesquisadores (DUTRA et al., 2004; GALVÃO et al., 2007; WILLIAMS et al., 2003)

Conforme Burra et al (2005) em sua pesquisa, ao analisar o conhecimento de estudantes de medicina em uma faculdade na Itália e sua aceitação sobre a doação de órgãos, concluiu que não houve diferença entre a aquisição de conhecimentos sobre transplante e doação de órgãos ao longo do curso, sendo necessário a instituição de um programa educacional no início de suas carreiras médicas afim de favorecer positivamente a doação de órgãos, visto que a influência do profissional de saúde sobre a decisão familiar é crucial.

Mesmo o Brasil possuindo um cenário educacional totalmente distinto dos países europeus, isto também é evidenciado no nosso trabalho, onde 49.3% dos 209 entrevistados marcaram a opção “regular” em relação ao conhecimento acerca do assunto. A opção “péssimo”, foi marcada por alunos do 1º ao 5º ano, o que reafirma a ideia da não existência de linearidade de conhecimento com a evolução no curso, nos primeiros anos da faculdade, além da necessidade de implementar novos projetos educacionais com o intuito de melhorar o sistema pedagógico.

Na pesquisa em questão apenas duas pessoas, mulheres e católicas, dentre os

209 entrevistados, não são a favor da doação de órgãos, o que representa um número extremamente baixo dentre os participantes. Assim, no que tange a questão de gênero e religião, os dados obtidos são irrelevantes para afirmar que mulheres e católicas são desfavoráveis a doação de órgãos. Desta maneira, não se pode afirmar tendência de não aceitação, pelo fato do sexo feminino ou da religião católica.

Deste modo, este estudo vem de encontro com ao artigo de NETO et al (2012), realizado também com estudantes de medicina, da instituição Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Demonstrando que apenas 7 das 176 mulheres entrevistadas não marcaram “sim” na questão sobre ser a favor da doação de órgãos, o que mostra tendência do sexo feminino a ser favorável ao transplante de órgãos. No sexo masculino também pode-se inferir grande adesão à doação de órgãos, quando dos 37 entrevistados, apenas 1 não marcou “sim”. Demonstrando que não há distinção entre os sexos neste questionamento.

Em relação a idade dos participantes, ao se questionar sua opinião no que se refere ser a favor ou contra a doação de órgãos, 6 pessoas de 18 a 30 anos relataram não ter opinião formada sobre e 2 pessoas de 21 a 27 anos não são a favor. Isso demonstra que não há paralelos entre idade e opinião sobre a doação de órgãos, sendo assim a idade um fator insignificante para este estudo.

Ao questionar-se sobre a morte encefálica, as pessoas que acreditam que um indivíduo com morte encefálica está provavelmente vivo estão no 1º e 2º ano da faculdade. Já aqueles que marcaram a alternativa “não sei” encontram-se em turmas do 1º ao 3º ano. Aqueles que assinalaram “só com o cérebro morto” estão presentes em todos os anos do curso, reafirmando-se desta maneira, que o conhecimento sobre a doação de órgãos não é sequencial ao avanço do curso de medicina. Com esses resultados é possível evidenciar uma carência de conhecimento em futuros médicos a respeito do protocolo de morte encefálica, assim como foi relatado no estudo feito por BITENCOURT et al (2007).

A lei nº10.211, de 23 de março de 2001 dispõe sobre o transplante e substituiu a doação presumida pelo consentimento informado do desejo de doar (BRASIL, 2001). Sendo assim, a retirada de órgãos e tecidos de pessoas já falecidas para transplante depende da autorização familiar, como já exposto acima. Em nosso estudo, notamos que grande parte dos entrevistados está ciente disso, visto que 69,4% dos estudantes afirmaram que é necessário consentimento familiar para se realizar a doação de órgãos. Assim como no estudo de NETO et al (2012) que relatou o percentual de 78,1% de indivíduos informaram seu interesse para a família, o que é um fator que facilita o processo de doação (TRAIBER, LOPES, 2006). Fundamentando-se assim a pesquisa em questão.

É de extrema importância saber que uma atitude favorável por parte dos profissionais da saúde em relação à doação de órgãos pode ter a capacidade de influenciar positivamente a decisão dos familiares de doadores em potencial. Como afirma NETO et al, 2012, este processo é primordial para o amadurecimento populacional sobre o assunto.

Dentre os pesquisados, 90,4% acreditam que existem fatores que impedem de se tornar doador de órgãos e 100% creem que existem doenças impossibilitantes. Dentre as doenças 32,5% acreditam que a malária é um impeditivo, 20,6% diabetes, 10,5% hipertensão, 86,1% hepatite B e C, 59,8% doença de Chagas, 6,2% asma, 64,1% câncer e 94,7% HIV. Concluindo-se assim que todos os participantes estão conscientes da existência de fatores que não possibilitam a doação de órgãos, apesar de uma divergência entre as enfermidades, as mais prevalentes foram HIV, hepatites B e C e doença de chagas, o que coincide com as exigências que barram um possível doador.

Segundo Conselho Nacional de Justiça, para ser um doador legal é necessário não ter os fatores impeditivos, em relação enfermidades, pessoas com diagnóstico doenças contagiosas transmissíveis por transplante como o HIV, hepatite B e C, doença de Chagas. Pessoas com diagnósticos de insuficiências orgânicas que comprometam a homeostasia corporal, como insuficiência hepática e renal. Além de infecções generalizadas ou de múltiplos órgãos e tumores malignos.

## 6 | CONCLUSÃO

Conforme os dados obtidos na pesquisa empírica conclui-se a notável aceitação e compreensão desses assuntos sem distinção entre sexos e religião, bem como o fator econômico não deve prevalecer, nota-se que a educação é primordial em todas as camadas sociais, pois quanto maior a escolaridade da população maior a aceitação a respeito do tema. Contudo, obteve-se distinção entre o conhecimento dos entrevistados a respeito da necessidade do consentimento familiar, fatores que impedem um possível doador, além do protocolo de morte encefálica.

Evidencia-se a necessidade de maiores informações aos estudantes de medicina a respeito de doação de órgãos, transplantes e morte encefálica dentro da grade curricular para aumentar e padronizar o conhecimento de futuros médicos em relação ao assunto.

Desmistificar os preconceitos existentes e aumentar a educação em saúde no assunto para os estudantes do curso de medicina se faz necessário, não só visando a ampliação do número de interessados e de potenciais doadores, mas também colocando esses estudantes em posição de futuros disseminadores de conhecimentos e da importância da doação de órgãos aos seus pacientes.

## REFERÊNCIAS

BITENCOURT, Almir Galvão Vieira et al. Avaliação do conhecimento de estudantes de medicina sobre morte encefálica. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, v. 19, p. 144-150, 2007.

BURRA, P. et al. Changing attitude to organ donation and transplantation in university students during the years of medical school in Italy. In: **Transplantation proceedings**. Elsevier, 2005. p. 547-550.

CFM ATUALIZA RESOLUÇÃO COM CRITÉRIOS DE DIAGNÓSTICO DA MORTE ENCEFÁLICA. Conselho federal de medicina, 2021. Disponível em: <https://portal.cfm.org.br/noticias/cfm-atualiza-resolucao-com-criterios-de-diagnostico-da-morte-encefalica/>. Acesso em: 11 de setembro de 2021.

DOAR É LEGAL. Conselho nacional de justiça, 2021. Disponível em: <https://www.cnj.jus.br/campanha/doar-e-legal-2/>. Acesso em: 11 de setembro de 2021.

DUBOIS, James M.; ANDERSON, Emily E. Attitudes toward death criteria and organ donation among healthcare personnel and the general public. **Progress in Transplantation**, v. 16, n. 1, p. 65-73, 2006.

DUTRA, Margarida Maria Dantas et al. Knowledge about transplantation and attitudes toward organ donation: a survey among medical students in northeast Brazil. In: **Transplantation proceedings**. Elsevier, 2004. p. 818-820.

GALVAO, Flavio HF et al. Conhecimento e opinião de estudantes de medicina sobre doação e transplante de órgãos. **Revista da Associação Médica Brasileira**, v. 53, p. 401-406, 2007.

NETO, José Antônio Chehuen et al. Estudantes de medicina e doação de órgãos para transplante. **HU Revista**, v. 38, n. 1 e 2, 2012.

WILLIAMS, Michael A. et al. The physician's role in discussing organ donation with families. **Critical care medicine**, v. 31, n. 5, p. 1568-1573, 2003.



## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Acórdão 64, 68, 72

Adolescência 82, 83

Afasia progressiva primária 76, 77, 78, 80, 81

Amiloidose 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38

Amiloidose sistêmica 24, 25, 28, 30, 31, 32, 33, 35

Assistência 1, 2, 3, 5, 22, 57, 58, 59, 66, 69, 71, 73, 74, 75, 79

### C

Centros de saúde 1

Cicatrização 95, 96, 97, 98, 102, 104, 105, 106, 107, 108

Covid-19 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23

### D

Decisões judiciais 64, 66, 67

Demência 76, 77, 78, 79

Depressão 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 82, 86, 88, 89, 144

Dermatite 10, 12, 15, 16, 17, 19

Diagnóstico 2, 7, 9, 19, 25, 28, 32, 34, 35, 36, 37, 40, 44, 45, 46, 47, 50, 57, 76, 78, 80, 82, 83, 110, 129, 133, 138, 139, 140, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 155, 158, 160, 161, 163, 164, 165

Diagnóstico diferencial 25, 36, 76, 78, 80, 133, 149

Doação de órgãos 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

Doenças ostomioarticulares 85

### E

Educação em saúde 39, 49, 173

Endometriose 82, 83

Equipe 1, 2, 3, 4, 5, 7, 8, 60, 61, 62, 89, 91

Ergonomia 85, 90, 91, 92, 94

Evidências 34, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 88, 138, 152, 162, 168, 170, 172

### F

Feridas 12, 95, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 106, 107, 143

Fitoterapia 96

## **I**

Imunossupressores 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17

## **J**

Judicialização da saúde 64, 66, 69, 73, 74, 75

## **M**

Medicina 18, 19, 20, 24, 28, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 51, 56, 57, 59, 60, 62, 64, 66, 67, 71, 74, 76, 84, 88, 94, 95, 96, 97, 129, 137, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 173, 174

Médico 2, 4, 5, 7, 10, 12, 18, 19, 36, 41, 58, 64, 72, 80, 85, 86, 91, 92, 138, 161, 174

Morbimortalidade 20, 21, 22, 23

Morte encefálica 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50

## **P**

Paciente 1, 2, 4, 6, 7, 8, 12, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 24, 25, 26, 28, 32, 33, 35, 36, 57, 58, 60, 61, 62, 69, 71, 72, 73, 76, 78, 79, 80, 111, 124, 134, 137, 138, 140, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 150, 152, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165

Plantas medicinais 96, 97, 106

Prevenção 1, 2, 8, 58, 83, 85, 88, 90, 91, 93, 94, 133, 148, 151, 163, 164, 165

Proteína Amiloide 24, 25, 27

Psoríase 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 30

## **R**


Repercussões sociais 82, 83


## **S**


Saúde mental 1, 3, 9, 93

Síndrome de Resposta Inflamatória Sistêmica 20, 22

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

 @atenaeditora

 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](http://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# MEDICINA:

Atenção às rupturas e permanências  
de um discurso científico 3

 [www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
 [contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)  
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)  
 [www.facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)



# MEDICINA:

Atenção às rupturas e permanências  
de um discurso científico 3

  
Ano 2022

